

“Vaso de eleição”: Juazeiro como lugar de purgação nos relatos das beatas do Cariri cearense (1889-1898)¹

Edianne dos Santos Nobre²

Resumo:

Este trabalho se propõe a analisar a construção do espaço de Juazeiro (sul do Ceará) como um lugar de purgação nas imagens presentes em um conjunto de narrativas femininas no final do século XIX.

Palavras-chave: Juazeiro, Purgatório, Narrativas femininas.

Abstract:

“Vessel of election”: Juazeiro as a place of purgation in narratives of religious women of Cariri (Ceará, 1889-1898).

The objective of this work is to analyze the construction of the space of Juazeiro (south of Ceará) as a place of purgation in the images from a group of feminine narratives from the end of the 19th century.

Keywords: Juazeiro, Purgatory, Feminine narratives.

*Verás também aqueles que contentes no fogo estão,
porque ainda esperam ir juntar-se um dia às venturosas gentes.³*

Temas como pecado, Inferno, Céu, Purgatório, fim do mundo, tentação e redenção há muito fazem parte do cotidiano dos cristãos católicos. Os relatos de visões miríficas e de viagens espirituais de um grupo de beatas do povoado de Juazeiro – atual Juazeiro do Norte, sul do Ceará – traduzem uma geografia do além que se materializa no espaço da cidade, elaborando imagens que retratam Juazeiro como um lugar de “*chamamento para as almas*”, um “*vaso de eleição*” para a remissão dos pecados em uma analogia clara com o espaço de purgação católico: o Purgatório.⁴

Esses relatos foram produzidos como parte do processo episcopal que investigou os sangramentos da hóstia na boca da beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (1862-1914). O primeiro sangramento ocorreu em 6 de março de 1889, quando o padre Cícero Romão Batista (1844-1934) ministrou a comunhão à beata. Em 1891, a Diocese cearense, através de seu representante, o bispo Dom Joaquim José Vieira⁵ (1836-1917), instaurou um processo a fim de verificar a origem do sangramento da hóstia. Oito

¹¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e contou com o financiamento da Capes.

¹² Doutoranda em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: e.snobre@gmail.com. Autora de “Sertão Sobrenatural” na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 68-71, 2009 e “Eu te darei um coração capaz de me amar: Maria de Araújo e o ensaio de uma mística feminina” (Juazeiro, Ceará. 1889-1898) na *Revista Em Tempo de Histórias*, Brasília-DF, v. 13, pp. 180-202, 2009.

¹³ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979, p. 110.

¹⁴ Cf. “*Cópia autêntica do processo instruído sobre os fatos do Juazeiro*”. Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes, Crato-CE. Doravante citaremos como “*Cópia autêntica...*”. Ressaltamos que as citações retiradas das fontes documentais tiveram sua grafia atualizada.

⁵ Sucedendo o bispo D. Luís Antônio dos Santos, o bispo D. Joaquim José Vieira, assumiu o Bispado do Ceará em 24.02.1884 e em 14.03.1912 apresentou pedido de renúncia. No site da Arquidiocese de Fortaleza encontra-se sua biografia e as suas principais ações enquanto bispo, entre elas, a de ter lutado “contra os abusos em Juazeiro do Norte, ao tempo do padre Cícero Romão Batista”, ver http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/ig_hist2.asp.

beatas depuseram no processo alegando não só que os sangramentos nas comunhões de Maria de Araújo eram de origem divina, mas elas mesmas igualmente manifestavam certos “*fenômenos extraordinários*”.⁶

Não há dúvida de que o final do século XIX foi marcado pelo medo do futuro incerto, pelas questões relacionadas ao destino das almas, pela proximidade da morte e do juízo final. Não obstante, nossa principal inquietação diz respeito às fontes que alimentavam as imagens e visões que estavam presentes nas narrativas das beatas de Juazeiro. Se a Bíblia não se refere expressamente ao Purgatório quais os textos que as inspiraram? Quais as influências literárias ou orais que embasavam os seus relatos?

Neste momento, só o uso da imaginação pode nos favorecer. Como essas beatas não nos legaram nenhum escrito pessoal, nenhum diário ou carta, precisamos buscar no contexto religioso da época, a possível literatura religiosa que as inspirou a produzir tais “revelações”. Neste sentido, pensamos que a *Missão Abreviada* e as imagens escatológicas do *Apocalipse* de João no Novo Testamento forneceram os principais elementos que ajudaram a compor os cenários descritos pelas beatas nos depoimentos que encontramos especialmente no primeiro inquérito.

Também, as vidas de santos podem ter fornecido algumas imagens, pois, alguns deles são citados continuamente. Embora, seja forçoso notar que não há como comprovar que elas realmente tenham tido acesso a essa literatura, podemos intuir ainda que os sermões – quer do padre Cícero, quer de outros sacerdotes – possam ter ajudado na composição das paisagens escatológicas presentes nas narrativas. Admitindo, por fim, o filtro do escrivão nos depoimentos dessas mulheres, podemos ainda supor que esses sacerdotes tenham “colorido” as narrativas, quando, por exemplo, há falas em latim ou palavras de uso erudito.

O que mais nos chamou a atenção nos relatos que falam do Purgatório foram os episódios ocorridos com a beata Maria Leopoldina Ferreira da Soledade, que não só fez viagens aos espaços do além, mas relatou como a igreja de Juazeiro se tornou um Purgatório temporário e ela – auxiliada por padre Cícero – tornou-se a responsável pelo sufrágio de certas almas que foram para lá, a fim de purgar seus pecados. A transposição momentânea do Purgatório para o espaço de Juazeiro, ou mesmo, o fato de que uma das principais missões das beatas consistisse em tirar almas do Purgatório, aponta ainda, para a importância dos sufrágios em uma sociedade que acreditava nos destinos individuais e na nova Redenção de Cristo. O poder de trânsito entre os espaços do além e a Terra, poder esse ratificado pelo próprio Deus, segundo as mulheres, faz alusão ainda à própria descida do Cristo aos infernos a fim de libertar as almas (Mt 12,40; At 2,31).⁷

No universo religioso da cristandade católica, o problema da salvação se realça sobremaneira, na medida em que, toda e qualquer prática cristã católica é voltada para os cuidados com a vida no além. Para um cristão a vida é em si mesma uma preparação para a iminência da morte e para o julgamento final. Jean Delumeau chama atenção para o fato de que a modernidade é marcada desde seu início por esse pessimismo geral. O próprio Cristianismo se afirmará como uma “*religião da ansiedade*” e a “*teologia do pecado*” é uma marca da Igreja Católica.⁸ Essa doutrina do pecado e da culpa se acentua de fato nas práticas do catolicismo penitencial, como poderemos observar na citação abaixo. O padre José Manoel Gonçalves do Couto, autor da *Missão Abreviada*, alerta para a iminência da morte, da culpa, do acerto de contas com Deus:

[...] Quando menos pensares, a morte há de vir sobre ti. Talvez se cortar o fio da tua vida de repente, enquanto estás tecendo ou urdindo teia. Talvez fazendo planos para melhor viver segundo a tua vontade, Deus te cha-

¹⁶ Não discutiremos aqui como se deu a execução do processo episcopal. Ver: NOBRE, Edianne S. “Sangue e pecado na terra santa: as beatas do Juazeiro sob uma perspectiva de gênero (1880-1895)”. In: MARQUES, Roberto (org.). *Os limites do gênero: estudos transdisciplinares*. Fortaleza: Expressão Gráfica/Ceres Editora, 200, pp. 115-128.

¹⁷ As citações bíblicas foram retiradas da *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

¹⁸ Segundo Jean Delumeau, “O Cristianismo, seguindo a esteira do judaísmo, faz do pecado uma oposição da vontade do homem à vontade de um Deus pessoal – oposição que não se manifesta apenas por atos exteriores, mas também por pensamentos e sentimentos” In: _____. *O Pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (século 13-18)*. Vol I. Bauru-SP: Edusc, 2003, p. 358.

mará às contas. “Eu virei como ladrão, diz Jesus Cristo; virei de improviso, às escondidas”. O Senhor avisa-te com tempo, pecador, porque quer salvar-te, e quer achar-te preparado. Pensa bem nestas verdades, pecador, dizendo, muitas vezes lá contigo mesmo: Eu brevemente hei de morrer, mas não sei como; hei de morrer, mas não sei aonde; hei de morrer, mas não sei quando [].⁹

As discussões sobre os destinos preparados às almas cristãs após a morte, já sofriam desde o século IV uma reavaliação dos mais proeminentes teólogos e estudiosos do cristianismo. Até o fim do século XII, no entanto, o sistema de orientação espaço-simbólico da Igreja cristã ainda vai ser fundamentado na relação alto-baixo, isto é, existia um lugar de recompensa (alto/céu) e um lugar de punição (baixo/inferno). Com o surgimento da palavra *purgatorium* (lugar de purgação; *purgatorius*, *purgatoria*, que expurga), uma geografia do além começa a tomar forma mais consistente e se manifesta na divisão entre os lugares de purgação e os lugares de punição. Segundo Jacques Le Goff, o Purgatório se torna na geografia do sagrado:

[...] um além intermediário onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios – a ajuda espiritual – dos vivos. [...] A existência do Purgatório repousa também sobre a concepção de um julgamento dos mortos [...] essencialmente surgiu como o lugar de purgação dos pecados veniais [...] é também um intervalo propriamente espacial que se insinua e se amplia entre o Paraíso e o Inferno [...] O Purgatório faz parte de um sistema, que é os dos lugares do além, e não tem existência nem significado senão em relação a esses outros lugares.¹⁰

Essa espacialização dos lugares no além faz parte, portanto, de uma preocupação da Igreja em localizar geograficamente os espaços para onde irão as almas que estão sob sua responsabilidade na terra e denota principalmente que as relações entre os mortos e os vivos são muito profundas e fazem parte do cotidiano dos cristãos. Para a Igreja, organizar os espaços do além e desenhar sua geografia foi uma tarefa essencial. Organizando os espaços em um sistema vertical, essa geografia localizou o Purgatório entre o Céu e o Inferno. O Purgatório seria, portanto, um intervalo que tem como principal função estabelecer as ligações entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

A noção de Purgatório se liga ainda a ideia de responsabilidade pessoal, pois, para o Purgatório só vão aquelas almas que caíram em pecados veniais (pecados perdoáveis), é por esse motivo que o Purgatório se apresenta, acima de tudo, como um lugar de esperança, onde o cristão poderia experimentar mais avidamente da misericórdia de Deus. É justamente o fator *esperança* que diferencia Inferno e Purgatório de maneira mais inteligível. No inferno, a alma já está condenada e não existe a possibilidade da fuga ou da redenção: “*Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança*”, é a frase impressa nos umbrais do Inferno visitado por Dante.¹¹

A existência do Purgatório está, pois, ligada à própria existência/ conduta do cristão no mundo e sustentando uma ideia de continuidade entre o espaço terreno e o além da purgação. Consideramos que esse espaço do além, o Purgatório, estaria separado do plano terreno por uma linha bastante tênue, daí a possibilidade das viagens espirituais ao Purgatório, bem como das visitas espectrais aos espaços terrenos. A prática da comunicação com os mortos pertencia a uma visão mágica do mundo que foi sendo incorporada pela Igreja Católica.

¹⁹ COUTO, Manuel Gonçalves. *Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das Missões*. 12ª edição. Porto: Sebastião José Pereira Editor, 1868, p. 50.

²⁰ Tradução nossa do original: “[...] un au-delà intermédiaire où certains morts subissent une épreuve qui peut être raccourcie par les suffrages – l’aide spirituelle – des vivants. [...] L’existence du Purgatoire repose aussi sur la conception d’un jugement des morts [...] pour l’essentiel le Purgatoire est apparu comme le lieu de purgation des péchés véniels [...] est aussi un entre-deux proprement spatial qui se glisse et s’élargit entre le Paradis et l’Enfer. [...] Le Purgatoire appartient à un système, celui des lieux de l’au-delà et n’a d’existence et de signification que par rapport à ces autres lieux.” LE GOFF, Jacques. *La naissance du Purgatoire*. Paris: Galimard, 1981, pp. 14-17.

²¹ ALIGHIERI, Dante, op. cit., p. 110.

No século XVI muitas orações e práticas mágicas associavam às almas do Purgatório às práticas de adivinhação. A devoção dos finados fazia parte de um universo que considerava que as almas eram onipresentes e tinham a capacidade de dizer onde se achavam as coisas ou pessoas perdidas, bem como de adivinhar o futuro. No entanto, essas práticas se utilizavam com frequência de elementos da ortodoxia cristã, demonstrando mais uma vez a tênue linha que separa os ritos considerados ‘supersticiosos’ ou ‘populares’, dos ritos canônicos oficiais.¹²

O Purgatório aparece com uma prerrogativa importante: seu funcionamento dependia integralmente da intervenção dos vivos e das relações de solidariedade que se estabeleceram em vida e que continuam na morte, pois as almas precisam de missas e orações para alívio dos seus tormentos.¹³ O sufrágio pelos mortos irá então se constituir como prática obrigatória do cristão católico:

Os sufrágios pelos mortos supõem a constituição de longas solidariedades de uma parte e de outra na morte, das relações estreitas entre vivos e defuntos, a existência entre uns e outros, das instituições de ligação que financiam os sufrágios, tais como os testamentos – ou a fazem uma prática obrigatória – como as confrarias.¹⁴

Na Bíblia encontramos algumas passagens que servem como justificativa para os sufrágios na doutrina católica: “Quando o justo morre, a sua esperança não morre” (PV 11.7) e, “se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro” (MT 12, 32), onde o evangelista fala de uma vida futura após a morte.¹⁵ No século XVI, o Concílio de Trento em sua Sessão XXV, já considerava que “las almas detenidas en él [Purgatório] reciben alivio con los sufragos de los fieles”¹⁶ e mandava que os bispos fizessem com que os sufrágios, a saber, “los sacrificios de las misas, las oraciones, las limosnas y otras obras de piedad, que se acostumbran hacer por otros fieles difuntos, se ejecuten piadosa y devotamente según lo establecido por la Iglesia”.¹⁷

Após 1650, os livros de oração se popularizam na Europa e nesse contexto, a pastoral em favor das almas do Purgatório ganha importância e rápida divulgação, chegando ao Brasil através das missões de jesuítas e capuchinhos. Em Portugal, a devoção às almas do Purgatório, também ganha dimensão a partir dos setecentos e são criadas várias confrarias das Almas com a função de promover cerimônias religiosas ligadas ao sufrágio das almas.¹⁸ A necessidade do sufrágio passa a ser exortada principalmente nas obras dos padres que escreviam ao estilo da *espiritualidade do terror* onde a infernalização das penas do Purgatório é a marca registrada desses autores. *A Missão Abreviada* é provavelmente a última obra desse gênero que foi inaugurado pelo livro *Gritos das almas do Purgatório e meios para as aplacar* do padre e teólogo aragonês Joseph Boneta y Laplana (1638-1714).¹⁹

¹² BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 69.

¹³ Idem, p. 148.

¹⁴ Tradução nossa do original: “*Les suffrages pour les morts supposent la constitution de longues solidarités de part et d’autre de la mort, des relations étroites entre vivants et défunts, l’existence entre les uns et les autres d’institutions de liaison qui financient les suffrages – tels les testaments – ou en font une pratique obligatoire – comme les confréries.*” In: LE GOFF, Jacques. *La naissance du Purgatoire*, pp. 24-27.

¹⁵ Cf. LE GOFF, Jacques, op. cit., pp. 231-232.

¹⁶ *Documentos do Concílio de Trento*, Sessão XXV, cap. I “*Decreto sobre el Purgatorio*”. Disponível em Biblioteca Electrónica Cristiana – <http://multimedios.org/docs/d000436/>.

¹⁷ Idem.

¹⁸ OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. “Almas do Purgatório: meditação, devoção, conversão. A propósito de alguns sermões do Padre Inácio Martins” S. J. *A Companhia de Jesus na península ibérica nos séculos XVI e XVII: Espiritualidade e cultura – Actas do Colóquio Internacional*. Maio de 2004. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 611-626. Disponível em <http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3787.pdf>. Acessado em 21.02.2009.

¹⁹ Ver os trabalhos da historiadora portuguesa Maria Gabriela Gomes de Oliveira, principalmente, *Horrores Breves, Horrores eternos: Uma reflexão sobre a obra Gritos do inferno para despertar ao mundo do padre Joseph Boneta*. Rev. Fac. de Letras Línguas e Literaturas, Anexo VIII, Porto, 1997, pp. 103-111.

Como o objetivo primeiro dessas obras é despertar os fiéis para as penas do Inferno – e daí, portanto, a infernalização do Purgatório – há a preocupação de mostrar que o Purgatório tal qual o Inferno é um lugar de fogo e de tormentos pelo fogo. O padre Inácio Martins (1513-1598) que pregou no final dos seiscentos descreve o Purgatório a partir de São Gregório, como sendo:

[...] da mesma natureza específica como do inferno [...] está o Purgatório no meio da terra. Dá um santo uma comparação que quadrará. Assim como um marmelo ou camoesa tem no meio certos recolhentos de pivides [sic] pretas assim a terra é redonda e tem no meio certos receptáculos em que estão encarceradas as almas enegrecidas com pecado, um deles é o purgatório.²⁰

Essas descrições da geografia do além que são embasadas no catolicismo tradicional traduzem essa infernalização, onde o Purgatório só é diferido do Inferno devido ao seu caráter temporário. A descrição do Purgatório dada pelo padre Couto é também muito próxima das representações estudadas por Le Goff:

[...] daquele lugar médio, entre o Paraíso e o Inferno, que se chama Purgatório, isto é, um lugar onde se é purificado dos pecados veniais e das penas devidas a estes pecados, *lugar onde queima um fogo verdadeiro, corpóreo e não unicamente metafórico* –, *que queima as almas sem as consumir*.²¹

O padre Manoel Couto assimila o Purgatório ao Inferno quando descreve o último como “uma caverna profundíssima cheia de escuridão, de tristeza e horror; é uma caverna cheia de lavaredas de fogo e de nuvens de espesso fumo”,²² daí que o Purgatório é identificado como um lugar onde os tormentos são “tais quais os do inferno, só não são eternos”.²³ Segundo Jacques Le Goff, as tentativas de espacialização do Purgatório na terra, ou pelo menos seus acessos, associavam este aos vulcões, que supunham eram entradas que levavam ao centro da terra.²⁴

Manuel Couto ainda chama a atenção dos vivos, para a necessidade de lembrar-se daqueles que estão ardendo no fogo purgatório. Sua fala é erigida já em torno da condenação: “[...] e tu, cristão descuidado, que fazes? Ah! Vives no maior esquecimento, no maior indiferentismo: parece que não tens fé nenhuma e caridade muito menos”.²⁵ Encontramos aqui um recurso dramático de apelação na primeira pessoa. Para chamar a atenção, o padre se coloca no lugar da mãe do fiel: “aqui estou sofrendo tormentos tais como os do inferno; sem ver a Deus, e ardendo em fogo; e tu, meu filho, lá estás, comendo o que te deixei, mas não te lembras desta desvalida nem com missa, nem esmola, nem orações, nem indulgências”.²⁶

A crença que as orações dos vivos são eficazes na redenção de certos mortos constrói uma visão de mundo baseada nas expectativas com relação à vida após a morte. Está em jogo o destino das almas, tanto o destino individual – no qual prevalece a certeza de um julgamento imediato após a morte que o leva ao Purgatório ou direto ao Inferno, pois, somente a alguns poucos escolhidos compete ir direto para o Céu – quanto um destino coletivo, onde se afirma a crença no Juízo Final e na Segunda Redenção de Cristo. Assim é que Maria de Araújo *aprende* do próprio Cristo uma oração que envolve as almas do Purgatório:

Lembra-se e pode comunicar alguma das orações que aprendeu da boca de Nosso Senhor? Respondeu [Maria de Araújo] que sim e disse ser uma delas: ‘Louvada seja a morte e paixão de Jesus Cristo e as dores da Imaculada sempre Virgem Maria – e mandava dizer ainda – Meu pai abençoe a mim e as almas do Purgatório e tudo que Jesus, Maria e José queira abençoar; que sejam todos abençoados e salvos pelo Sagrado Coração de Jesus e seu preciosíssimo sangue’, com promessa de indulgência toda vez que fossem recitadas essas preces.²⁷

³⁰ MARTINS, Inácio. *Sermões*, B.N.L. cod. 6271, fl. 390 v., apud OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes, op. cit., pp. 611-626.

³¹ COUTO, Manuel Gonçalves, op. cit., p. 121 (grifo nosso).

³² Idem, p. 78.

³³ Idem, p. 528.

³⁴ LE GOFF, Jacques, op. cit., p. 20.

³⁵ COUTO, Manuel Gonçalves, op. cit., p. 529.

³⁶ Idem, p. 530.

³⁷ Auto de perguntas a Maria de Araújo em 09.09.1891 In: *Cópia autêntica...*, p. 09.

A crença nas almas do Purgatório e que suas orações a favor delas resultariam em indulgências para a própria alma está marcada na própria cultura religiosa herdada por essas mulheres. Há, pois, uma permanência desses elementos ligados ao catolicismo penitencial na vivência e nas práticas religiosas das beatas do Juazeiro. O trânsito entre os espaços do além aparece quase que naturalizado nas narrativas, e de fato, essas mulheres mantêm uma relação muito peculiar com o sobrenatural, pois, em seus relatos são comuns as descrições das viagens ao Inferno, ao Céu e ao Purgatório.

PURGATÓRIO TEMPORÁRIO: O SUFRÁGIO DO CARDEAL PECCI

Enquanto espaço sagrado, Juazeiro terá seu espaço transfigurado temporariamente em um Purgatório. Nesse espetáculo que se dá na igreja de Nossa Senhora das Dores, a cena central é o sufrágio do Cardeal Pecci, conforme iremos acompanhar na narrativa de Maria da Soledade. Esta beata era “natural da freguesia do Crato, ora residente na povoação do Juazeiro, idade de vinte nove anos incompletos, solteira” e ao ser perguntada no inquérito sobre as viagens espirituais da beata Maria de Araújo, ela afirma que nessas viagens esta beata “libertava do Purgatório algumas almas, e prendia no inferno alguns demônios mais infensos à Igreja”, enquanto que com ela se deu o seguinte:

No dia 23 de dezembro de 1890, por ocasião de confessar-me, foi-me imposta como penitência sacramental dar-me toda a Deus para em honra do preciosíssimo sangue de Jesus, das dores de sua Mãe S. S. e maior glória da Trindade S. S., tomar sobre mim as penas de três almas que fossem de papas e assim libertá-las do Purgatório. Sucedeu, porém, que Nosso Senhor não aceitou essa oblação em relação aos papas e substituiu aplicando-a as almas de um Cardeal e dois bispos. No mesmo dia apareceram estas três almas, na ocasião da missa, e perguntando-lhes o padre Cícero quem eram, o que fez em nome e em obediência a Deus, responderam uma que era um Cardeal, e as outras que eram – Episcopus Joachinus et Episcopus Petrus – o primeiro que foi antecessor do Arcebispo da Bahia D. Luiz, o segundo, que foi bispo do Rio de Janeiro. Desde esse dia até o dia seis de janeiro do ano seguinte, estas três almas vinham todos os dias a assistir a missa, colocando-se os dois bispos de um e outro lado e o Cardeal no meio; todos possuídos do maior acatamento [...].²⁸

Neste caso, a beata não vai ao Purgatório ajudar as almas, mas, as almas que lá estão cumprindo penitência vêm à Igreja onde “o sangue de Cristo foi derramado” para serem perdoadas de seus pecados, sendo que o Cardeal foi o único que não se identificou de imediato. Na doutrina católica sobre os mortos e sua interferência no mundo dos vivos, os primeiros são autorizados a aparecer aos vivos com a permissão de Deus “para os incitar a fazer penitências e para solicitar seus sufrágios”.²⁹ Note-se que a beata fala das *almas* dos sacerdotes e não dos seus *fantasmas*, o que é interessante, pois, denota a influência das prédicas penitenciais que fala das *almas do purgatório*. Embora não exista uma diferenciação segura entre fantasma e alma (ambos são imateriais), o termo alma (do latim, *anima*) sugere uma interpretação mais voltada para o sagrado, enquanto fantasma sugere um tom mais profano.³⁰

A beata destaca ainda a participação ativa do padre Cícero como intermediador entre ela e as almas. Neste relato está presente também a ideia de um fogo purgatório, um fogo que *queima sem consumir*, e que é amenizado paulatinamente com as penitências feitas em sufrágio daqueles que lá padecem, pois, como nos diz a Missão Abreviada:

As penas do purgatório são as mais terríveis e as mais horrorosas. [...] lá no purgatório as almas também estão privadas da vista clara de Deus, e ardendo em fogo tal qual o do inferno. [...] S. Tomás diz, que mais padece uma alma no Purgatório, do que Jesus Cristo padeceu na Cruz. Santo Anselmo diz que o mínimo tormento do Purgatório é maior do que todos os tormentos desta vida [...].³¹

²⁸ Auto de perguntas à Maria Leopoldina F. da Soledade em 17.09.1891 In: *Cópia autêntica*, pp. 23-25.

²⁹ SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 78.

³⁰ Idem.

³¹ COUTO, Manuel Gonçalves, op. cit., pp. 527-530.

A beata permanece firme em sua missão de sufragar as almas que ali estavam se penitenciado e narra com detalhes como se comportavam as almas durante o tempo em que permaneceram lá na Igreja do Juazeiro, estas sempre em posição de adoração ao Sangue Precioso que estava na caixa de vidro no Sacrário que guardava a imagem do Sagrado Coração de Jesus:

No dia 26 de Dezembro do ano passado, sucedeu que, ao tocar – Sanctus – o Cardeal, inflamado com as chamas de amor que, saindo do Sacrário envolviam o Sacerdote oficiante e se transmitiam ao mesmo Cardeal, sentiu-se incitado a subir ao altar, onde prostrado com a face em terra, em adoração ao sangue de Jesus que então caía sobre ele, como chuva, exclamou: – oh, amor! – conservando-se nessa posição até o fim da missa. No dia 28 do mesmo mês e ano já declarados continuando-se a sufragar as ditas almas; por ocasião da consagração na missa, o Cardeal elevando as mãos e os olhos, e seu rosto desfazendo-se então em chamas, exclamou: Oh! levita do Santuário, tenro arbusto sacerdotal, vaso de eleição, chamado a serdes sentinela em Israel, vós doce esperança de nossos gozos e esplendores eternos, chegai-vos a este vulcão de amor, (e isto dizendo, apontava para um retábulo do Sagrado Coração de Jesus e o tabernáculo e a caixa de vidro contendo as partículas transformadas em sangue;) atirai-vos às ardentes chamas, acendei-vos em seu abrasado ardor para serdes luz e calor no meio das nossas trevas; terminando com dizer duas vezes – ‘*luce mea, ardens, ardens*’.³²

O fogo manifestado na Igreja do Juazeiro é outro indício que demonstra que aquele lugar, temporariamente servia como um Purgatório. A presença dele – “desfazendo-se em chamas”, “vulcão de amor”, “ardentes chamas”, “abrasado ardor” – na narrativa de Maria da Soledade está diretamente relacionada ao ato de purgar. Ora, não existe purgação sem o fogo purgatório, pois, “o fogo porá à prova a obra de cada um” (1CO 3.13).

Conforme Le Goff, o fogo purgatório tem duas características principais. A primeira é que ele é um fogo “à *travers lequel on passe*”, pelo qual se passa, isto é, o fogo purgatório se constitui por excelência em um ordálio, uma prova. São Paulo diz: “Ele será salvo, todavia como pelo fogo” (1CO 3.15). A segunda característica é que o Purgatório é formado a partir de um par: o fogo e a água que nas representações medievais, indicam que o Purgatório possui lugares ígneos e lugares úmidos e a principal provação das almas seria a passagem alternada pelo fogo e pela água gelada. Nas narrativas de Maria da Soledade não temos a imagem da água. Somente o fogo aparece, em várias formas, inclusive na imagem de um “vulcão de amor” fazendo uma analogia entre o calor do fogo e o calor do amor. Não obstante essas variações, o fogo purgatório tem uma função principal onde quer que seja representado, que é o da salvação pela purificação, e é neste sentido que ele aparecerá nas narrativas de Maria da Soledade.

O sufrágio do Cardeal é o ponto alto da narrativa. Solicitado a dizer seu nome, ele responde: “*Ego sum Cardinalis Pecci*”, repetindo três vezes a frase em latim. Não encontramos em nossas pesquisas nenhuma referência à existência de um cardeal com este nome, ao não ser o próprio papa Leão XIII, cujo nome era Gioachino Pecci.³³ Ora, como Leão XIII só faleceu em 1903, ele não pode ser o cardeal desta narrativa. Será que este Pecci tinha alguma relação de parentesco com o papa?

Segundo o padre Alexandrino de Alencar, pároco da cidade do Crato e encarregado de investigar as beatas, a visão foi “fabricada” no intuito de “dispor bem o Santo Padre em favor de Juazeiro”, pois corria na região a notícia de que “Leão XIII teve notícia disto, chorou e ficou bem disposto em favor da causa”.³⁴ Talvez o fato de o papa chorar, ainda que em uma “notícia”, pode indicar uma relação próxima entre ele e este Pecci da narrativa de Maria da Soledade, embora não possamos confirmar esta hipótese. Resolvemos transcrever o relato, embora ele seja um pouco longo, pois nela temos a própria “fala do cardeal” dando seu testemunho e descrevendo seus sentimentos diante da iminência de ir para o Céu:

³² Auto de perguntas à Maria L. F. da Soledade em 17.09.1891 In: *Cópia autêntica*, pp. 24-25.

³³ Consultamos o site do Vaticano que contém a lista dos papas e cardeais da Igreja Católica, ordenada por século. Disponível em <http://www.vatican.va>, além da Biblioteca Electrónica Cristiana, BEC.

³⁴ CRA 04, 07: Carta do padre Alexandrino de Alencar a D. Joaquim José Vieira datada de 28.06.1892, Crato In *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 227.

Finalmente, no dia seguinte, seis do mês e ano já declarado, assistindo missa aquelas três almas, levadas todas e possuídas do maior acatamento, depois da benção do S. S. Sacramento a que assistiram o Cardeal, como que fora de si, somente possuído de Deus, erguendo as mãos exclamou: *Oh! Caríssimo e dedicado irmão, que amor, que ternura e que reconhecimento não devo eu ter para convosco, quando considero que fostes o instrumento pelo qual quebraram-se cadeias que me detinham nesse cárcere, depois de minha morte; por meio e intermédio de vós é tempo hoje de eu consumir todos os meus trabalhos, subindo da terra ao Céu para habitar, reinar e glorificar aquele que é o princípio e o fim de todas as cousas; vou por tanto entrar no gozo do meu Senhor; e assim, como tomastes parte no meu doloroso e delatado exílio, tomai hoje parte nesta enchente de alegria de que a minha alma está penetrada, e que é o fim de tantas dores, lágrimas e gemidos. Eu me vou para o seio de Deus... para acabar de consumir as minhas vitórias sobre o mundo, o inferno e o pecado, pela minha entrada gloriosa e triunfante em seu reino; [...]* – e isto dizendo, voou para o céu, acompanhado de seu Anjo Custódio e de todos os santos que foram seus protetores e advogados neste mundo.³⁵

Um elemento a se considerar, é que destarte a tentativa de localização do Purgatório feita por alguns santos e teólogos da Igreja católica predomina em relação a ele um sentimento de libertação espacial, onde o Purgatório antes de ser um lugar, é um estado, uma situação: “[...] para a teologia católica moderna o Purgatório não é um *lugar*, mas um *estado* [...] O Purgatório seria um habitáculo ou um conjunto de habitáculos, um lugar fechado, mas também do Inferno ao Purgatório, do Purgatório ao Paraíso, o território se alarga, o espaço se dilata”.³⁶ Por isso, justifica-se que o Purgatório possa estar em qualquer lugar, é um espaço que cresce, que se dilata. Embora estivesse na Igreja do Juazeiro, o cardeal estava constantemente cercado pelo fogo, pelas chamas ardentes, preso nas “cadeias de um cárcere” desde a sua morte, sentindo dores que se manifestavam nas lágrimas e nos gemidos.

O seu sufrágio representa então uma vitória “sobre o mundo, o inferno e o pecado”. A descrição de sua ida para o Céu também denota uma obediência ao sistema espacial do além, ele voa para o Céu, ele sobe. O sistema alto/baixo prevalecerá nas representações mais tradicionais desses espaços, veja-se, por exemplo, a narrativa de Dante Alighieri que mostra uma trajetória desde o Inferno até o Paraíso, passando pelo intermediário Purgatório. A presença do anjo da guarda do cardeal, bem como de seus santos protetores (não nomeados) dá à imagem uma aura celestial. Continuando sua narração (embora aqui de forma bem resumida), Maria da Soledade conta que em 18 de janeiro e 2 de fevereiro, respectivamente, os bispos Dom Joaquim e Dom Pedro, conseguiram o sufrágio de suas almas sendo suas “subidas triunfantes” acompanhadas de “exclamações cheias de amor” por parte dela, do sacerdote e dos anjos e santos.

Para a Diocese, essas visões não passavam de artimanhas e invenções das beatas que pretendiam com isso destruir a autoridade diocesana, uma vez que esta não dava crédito aos “pretensos milagres” ocorridos em Juazeiro. Entretanto, a narrativa de Maria da Soledade nos permite apreender um pouco da forma como as relações entre o mundo terreno e o mundo espiritual são concebidas por essas mulheres. Os elementos presentes nas narrativas pelas mulheres agem no sentido de legitimar suas crenças.

Utilizando-se ainda, do recurso de ligar seus atos à própria instituição eclesiástica representada na figura do confessor, as mulheres erigem para si um lugar de fala, que exprime suas crenças e ao mesmo tempo ratifica certos dogmas da Igreja. Elas se utilizam de elementos do cotidiano da própria ortodoxia para forjar um sistema simbólico que ratificará sua autoridade de fala, no sentido do que nos fala Cassirer:

Todos os conteúdos da consciência mítico-religiosa [...] contém em sua mera existência e em sua constituição imediata uma revelação, que como tal ainda conserva, porém, o traço de mistério – e é justamente essa imbr-

³⁵ CRA 04, 07: Carta do padre Alexandrino de Alencar a D. Joaquim José Vieira datada de 28.06.1892, Crato In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 227.

³⁶ Tradução nossa do original: “[...] *pour la théologie catholique moderne le Purgatoire n'est pas un lieu mais un état* [...] *Le Purgatoire sera un habitacle ou un ensemble d'habitacles, un lieu de renfermement mais aussi de l'Enfer au Purgatoire, du Purgatoire au Paradis, le territoire s'agrandit, l'espace se dilate*”. In: LE GOFF, Jacques. Op. cit., pp. 25-52. Grifos no original.

cação, essa revelação, que é igualmente descobrimento e ocultação, imprime no conteúdo mítico-religioso o seu traço fundamental, o caráter de ‘sagrado’.³⁷

As almas de sacerdotes, o sacrifício da missa e as orações de sufrágio são, portanto, elementos presentes no conteúdo de uma existência que constrói um sentido baseado no seu valor de ‘sagrado’. Sentido esse que não é limitado a determinada circunscrição, mas que se manifesta no próprio acontecimento. Estas práticas sugerem também a intimidade da relação dessas mulheres com o sagrado, intimidade essa que não é partilhada pelos próprios eclesiásticos. Suas práticas falam também de um presente, um momento conturbado onde seu próprio campo de atuação estava sendo podado e circunscrito às áreas restritas de atuação.

As representações espaciais produzidas nas narrativas são baseadas na própria experimentação de um espaço místico que se utiliza de elementos de um sistema simbólico vivenciado nas relações com o sobrenatural, com o mistério. Isso remete à identificação de um espaço de experiência que permite pensar o Juazeiro como um lugar sagrado que forja um horizonte de expectativa da redenção dos pecados. O sagrado se encontra então, no próprio lugar. É o espaço escolhido por Deus que absorve essas características de santidade e que nas narrativas ganha status de sacralidade.

Também podemos supor, a partir da narrativa de Maria da Soledade, que ao transportar as almas dos bispos e do cardeal até a Capela do Juazeiro, quer-se mostrar que se lá é um espaço em que até os sacerdotes vem purgar após a morte, não deveria haver por parte da Igreja uma recusa ou mesma uma descrença da sacralidade que aquele espaço condensa, pois segundo o próprio Cristo dizia em uma das revelações de Maria da Soledade:

[...] no dia dezoito de Dezembro de mil oitocentos noventa, depois da comunhão a que seguiu a missa, tive eu uma revelação a respeito nesses termos: É isso um mistério de amor, além da razão humana, nessa segunda vinda mística minha ao mundo, eu hei de ser do mesmo modo traído, blasfemado, injuriado, odiado, escarnecido e vilipendiado ainda mais que dantes por aqueles mesmos a quem vinha salvar e remediar; [...] No dia oito de abril do corrente ano, fez-me Nosso Senhor uma nova revelação sobre o caso de que se trata, dizendo assim: Sou (neste sangue) uma vítima eucarística, como também uma hóstia de expiação por todos os crimes do mundo inteiro e para restaurar e aumentar a glória da S. S. Trindade roubada pelos homens.³⁸

É importante que em nenhum momento, o recurso de apelo à própria Igreja, através de seus sacerdotes, é descartado. Maria da Soledade deixa claro que sempre, suas visões são mediadas por seu confessor, e que Cristo atua em prol do desenvolvimento de sua Igreja. Ela é apenas um instrumento de transmissão da vontade de Deus:

[...] Nosso Senhor recomendou que oportunamente se desse notícia ao Santo Padre, ser de sua divina vontade a decretação do culto perpétuo à S. S. Trindade; culto esse que se havia de exercer na Capela do Juazeiro. Em uma outra ocasião, continua a mesma beata [Maria da Soledade], Nosso Senhor fez-me ver que assim como os Padres Franciscanos eram os guardas do Santo Sepulcro assim também haviam eles de ser os guardas do sangue derramado das hóstias consagradas aqui nesta Povoação do Juazeiro.³⁹

Novamente, a justificação do espaço sagrado utiliza elementos da ortodoxia católica como o culto ao dogma da Trindade, por outro lado, a referência aos padres Franciscanos, uma ordem mendicante, é colocada em oposição à ordem dos padres lazaristas franceses, que naquele momento dirigia a Diocese cearense. É um conjunto de crenças como esse que torna possível que mulheres do interior do Ceará empreendam viagens espirituais ao além, no final do século XIX, com o objetivo de ajudar Cristo na missão de resgatar almas ao Purgatório, ou que o próprio Purgatório possa ser “transplantado” e passe a situar-se no povoado de Juazeiro.

³⁷ CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das formas simbólicas. Vol. II, O Pensamento Mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 137-138.

³⁸ Auto de perguntas à Maria L. F. da Soledade em 17.09.1891. In: *Cópia autêntica...*, pp. 24-25.

³⁹ Relatório do Delegado Episcopal pe. Clicério Lobo em 22.12.1891. In: *Cópia autêntica...*, p. 62.

Infelizmente, pouco ficou da vida de Maria da Soledade, apenas o que foi relatado nos inquiritos e em algumas cartas do padre Alexandrino.⁴⁰ Sabemos que após outubro de 1892, ela foi à Barbalha (cidade que faz divisa com Juazeiro e Crato) onde apresentou ao padre Joaquim Sother de Alencar (1858-1914) uma hóstia que havia sangrado em sua boca.⁴¹ Logo depois ela foi a Jardim (outra cidade do Cariri) onde “uma hóstia que ela não pode consumir foi posta no altar” pelo padre Vicente Sother Alencar (1866-1946). Em janeiro de 1893, as pessoas que assistiram aos fenômenos com Maria da Soledade registraram no cartório de Jardim um documento atestando o “milagre”.⁴²

Em 20 de setembro de 1894 ela foi intimada a depor pelo padre Alexandrino, embora não tenhamos conhecimento de qual foi sua resposta sabemos que em 20 de outubro ela foi proibida de receber qualquer sacramento, juntamente com outras beatas. As beatas Maria das Dores, Jahel Wanderley Cabral, Joanna Tertulina da Conceição e Antonia Maria da Conceição. Claro, que grande parte da documentação sobre os eventos de 1889 ainda encontra-se inacessível, mas do que sabemos da trajetória desta beata, nos diz que sua insistência em afirmar a veracidade dos fenômenos levou-a também a perder o hábito religioso:

Conferenciei com as beatas Maria da Soledade, Maria das Dores, [Joana] Tertulina e Jahel [Cabral]. Sustentaram seus depoimentos dizendo serem estes as expressões da verdade [...]. Intimei todas as quatro a tirarem o manto, digo, o hábito religioso, e declarei-lhes que estavam privadas dos sacramentos pena que duraria enquanto durasse a contumácia delas. Disse-lhes com toda clareza que do hábito religioso não usariam mais nunca.⁴³

No entanto, ela continuou a recusar se encontrar com o padre Alexandrino ou de dar mais alguma declaração. Em bilhete de dois de novembro de 1894, ela escreve ao padre Alexandrino dizendo que recebeu as ordens do mesmo de ir encontrar-se com ele “e não sei como possam cumprir as ordens determinadas em virtude dos muitos ataques espasmódicos que constantemente sofro como V. Revma. sabe e assim não posso afirmar minha ida, só sim, se me for possível”.⁴⁴ Em data desconhecida de 1895, ela é finalmente intimada a tirar o manto de beata: “Disse-lhes com toda clareza que do hábito religioso não usariam nunca mais”.⁴⁵ Assim, em 1895, Maria da Soledade, achava-se oficialmente privada do uso do hábito religioso e dos Sacramentos, isto é, não poderia mais confessar e comungar do corpo de Cristo, portanto, não seria absolvida de seus pecados e se viesse a morrer, não receberia a extrema-unção.⁴⁶

Os relatos de visões das beatas de Juazeiro possuem a função clara de produzir conversão, seja através do terror e das mostras da ira divina, quando Cristo reclama que seu próprio povo não acredita nele como da primeira vez em que ele veio a Terra; seja através de promessas de graças e de salvação para os que acreditarem nos fenômenos maravilhosos que ali ocorrem. Elas contam “histórias verdadeiras” porque na mentalidade da época são “dadas como verdadeiras”.⁴⁷ Como lembra Lucien Febvre, embora se referindo ao século XVI: “[...] um sonho profético, uma aparição, uma ação ou um comunicação à distância: fatos. E como duvidar de um fato?”.⁴⁸

⁴⁰ Sabemos que em 1892, após a Diocese condenar os fenômenos o padre Alexandrino de Alencar (1843-1903) – pároco da cidade do Crato –, ficou encarregado de conseguir as retratações das pessoas que acreditavam que os milagres eram de origem divina.

⁴¹ CRA 14, 128: Carta do padre Alexandrino de Alencar a D. Joaquim Vieira datada de 28.02.1893, Crato. In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 235.

⁴² Segundo Ralph Della Cava esses fenômenos foram divulgados no jornal *A Província* do Recife – Pernambuco em 20 de janeiro de 1893. In: *Milagre em Joazeiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1976, p. 98, Nt.23.

⁷ CPR/CRA 04,28: Carta do padre Alexandrino Alencar a D. Joaquim Vieira, sem data, provavelmente de outubro de 1894.

⁸ CPR/CRA 07,33: Bilhete de Maria Leopoldina F. Da Soledade datada de 02.11.1894, Juazeiro.

⁹ CRA: 04,28. Carta do padre Alexandrino Alencar a D. Joaquim Vieira datada de 1895 (16.05?). In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 262.

¹⁰ CRA: 04,26. Carta do padre Alexandrino Alencar a D. Joaquim Vieira datada de 20.10.1894. In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, pp. 250-251.

¹¹ SCHMITT, Jean-Claude, op. cit., pp. 89-45.

¹² FEBVRE, Lucien. Apud DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 97-98.